

A conjuntura econômica brasileira

Nossos desafios no contexto mundial contemporâneo

Marcílio Marques Moreira*

Ao procurar compreender o contexto global em que atualmente se insere a economia brasileira, uma primeira impressão me assalta – um sentimento que se inscreve entre a ambigüidade e a perplexidade. Esse sentimento desconcertante se explica na medida em que a economia moderna, tanto em sua dimensão global quanto doméstica, embute uma enorme complexidade, promissoras oportunidades e uma assustadora incerteza.

Entre as principais características da nova economia mundial, três podem ser destacadas: a globalização; o fato de hoje vivermos em uma sociedade do conhecimento; e a tessitura em rede das atividades globais (*network society*), sejam elas econômicas, culturais ou mesmo criminais.

E qual a manifestação mais eloqüente dessa nova realidade? A dos novos atores que passaram a exercer um papel crucial na economia global: a China, a Índia e uma plêiade de países médios e pequenos da periferia, sobretudo (mas não exclusivamente) asiáticos.

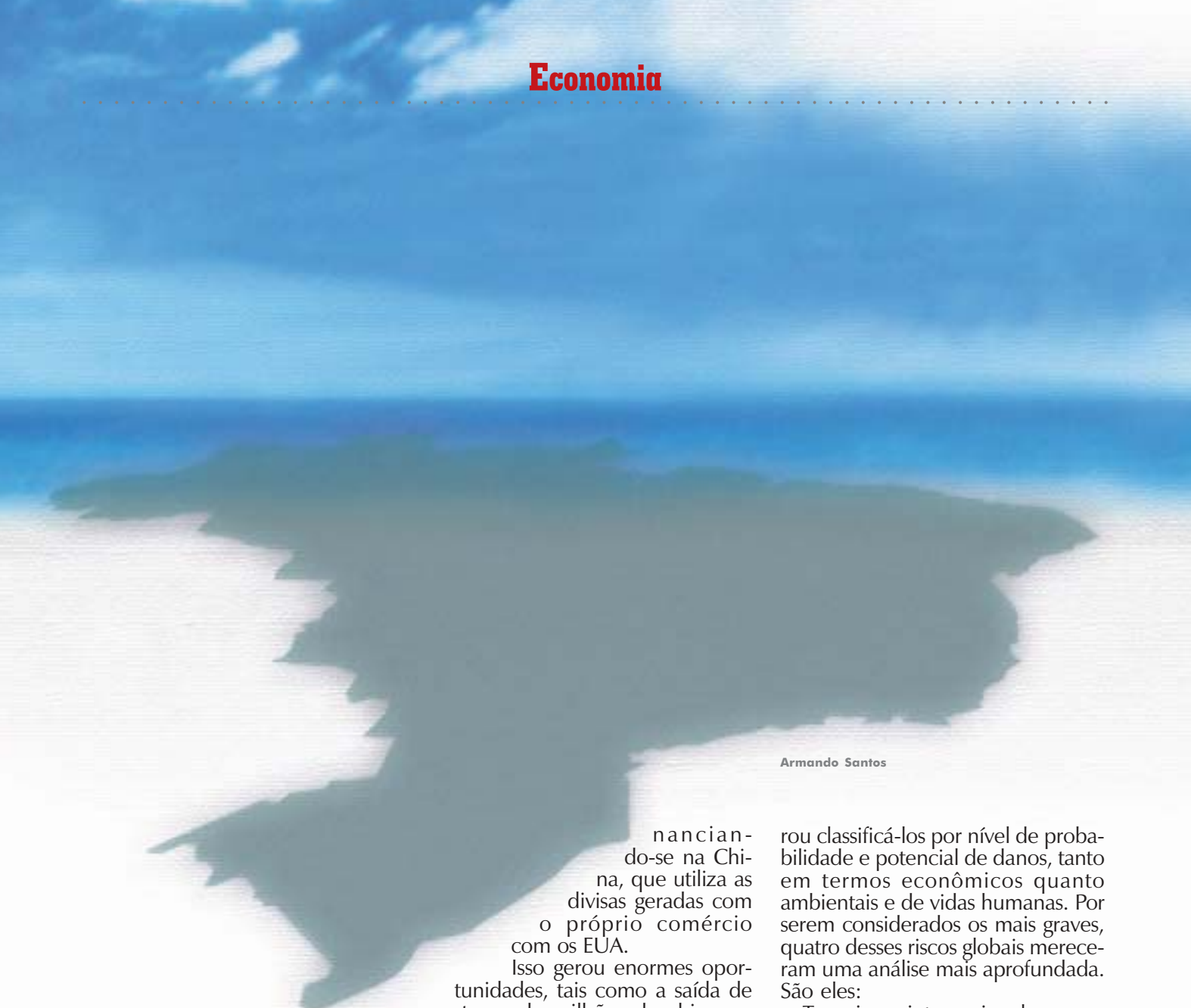
De muitos modos, os últimos quatro anos e meio foram inéditos. Eles testemunharam um crescimento mundial, contínuo e sincronizado, de 5% ao ano. Como consequência,

ocorreu a inversão de muitos paradigmas que haviam dominado os primeiros 50 anos de minha vida profissional, como a deterioração secular dos termos de intercâmbio, em detrimento dos países exportadores de *commodities*, já que seus preços tendiam a perder valor em relação aos dos produtos industrializados. Hoje, os preços das matérias-primas estão em alta, enquanto os dos produtos industrializados experimentam uma queda significativa. Os preços mais baixos das importações industriais da China, por exemplo, têm ajudado a inibir a inflação nos EUA e até no Brasil.

Por sua vez, o fluxo de capitais inverteu sua direção. Antes, os capitais costumavam fluir do centro para a periferia. Hoje, há um excesso de poupança de capitais na

periferia (o *savings glut*), que passou a financiar o alto nível de gastos, sobretudo em consumo, dos países centrais, notadamente os EUA. Essa situação acaba deslocando para os países periféricos a produção, de maneira mais competitiva, de produtos manufaturados que serão comprados em boa parte pelos próprios países desenvolvidos – compra essa financiada pelo novo fluxo de capitais oriundos dos países emergentes.

É o que ocorre, de maneira mais eloqüente, na relação entre EUA e China. As empresas norte-americanas deslocam seus centros produtivos para o território chinês e lá produzem manufaturas mais baratas, que são então compradas pelo mercado americano. Na falta de recursos para fazê-lo, os EUA acabam fi-



Armando Santos

Diferente do que acontecia no passado, hoje há um excesso de poupança de capitais nos países periféricos

nancian-do-se na China, que utiliza as divisas geradas com o próprio comércio com os EUA.

Isso gerou enormes oportunidades, tais como a saída de centenas de milhões de chineses, indianos e outros povos de países em desenvolvimento (que viviam às vezes abaixo do nível de subsistência) da condição de miséria ou pobreza, um processo ainda em andamento. Em contrapartida, esse processo implicou em fortes desequilíbrios financeiros globais.

Os riscos e o Brasil

As grandes oportunidades da nova economia globalizada, justapuseram-se crescentes riscos. Um estudo apresentado no último mês de janeiro no Fórum Econômico de Davos (que além da equipe do próprio Fórum contou com o apoio do Citigroup, Marsh McLennan, Swiss Re e do Centro de Riscos da Wharton School) arrolou os 23 riscos globais mais relevantes e procu-

rou classificá-los por nível de probabilidade e potencial de danos, tanto em termos econômicos quanto ambientais e de vidas humanas. Por serem considerados os mais graves, quatro desses riscos globais mereceram uma análise mais aprofundada. São eles:

- Terrorismo internacional
- Choque de petróleo: nível de preços e continuidade de suprimento
- Mudanças climáticas
- Pandemias

Tal como costuma ocorrer com outros fatores globais, o estudo enfatiza que os riscos não costumam surgir isoladamente, mas tendem a interagir entre si, o que potencializa seus efeitos. Além dos riscos acima apontados, transpareceram também os desequilíbrios financeiros globais. Por exemplo, a já referida relação “incestuosa” entre China e EUA e o risco de os espaços econômicos mundiais se adensarem em torno de algumas regiões, temas ou setores especializados, voltando a fragmentar a economia mundial, supostamente globalizada.

Na nova divisão mundial do trabalho, como figurará a América Latina?

Um retrato, em traços grosseiros, dessa nova divisão mundial do trabalho, apontaria a China como a fábrica do mundo; a Índia como seu escritório; os EUA como o shopping center mundial; a Europa como o museu; e a África como o hospital do mundo.

Nesse mosaico simplificado, como figurará a América Latina? Virá a ser a fazenda alimentar-energética ou a jazida de produtos primários do planeta? Será que o Brasil estaria condenado a esse figurino?

A ambigüidade (ou disjunção) que caracteriza o contexto global também pode ser encontrada na atual conjuntura econômica brasileira, caracterizada por contrastes marcantes entre avanços institucionais já alcançados e enormes desafios que ainda precisam ser superados se quisermos nos aproximar do *status* de uma sociedade moderna (competitiva, dinâmica e eficaz), inserida soberana e competitivamente num mundo que avança a galope.

A força do setor privado

O aprimoramento institucional que vai da extinção da Conta Movimento Bacen/BB até a Lei de Responsabilidade Fiscal é impressionante. Paralelamente, o país se abriu ao exterior (embora ainda em dimensões insuficientes) e o controle de preços foi abolido. Além disso, as reservas internacionais foram recuperadas – e mais recentemente expandidas

a níveis inéditos – e os déficits comerciais e em conta-corrente foram substituídos por significativos superávits. O agronegócio se modernizou, firmando-se como um setor altamente competitivo na produção de alimentos e biocombustíveis. Em decorrência, a vulnerabilidade externa – que em parêntese com a inflação, esta debelada pelo Plano Real, constituía fator de desequilíbrio detonador de crises cambiais recorrentes – foi superada por uma situação de razoável conforto externo.

Simultaneamente, o processo de privatização, tão importante quanto mal compreendido, reduziu significativamente o inchaço do Estado brasileiro, embora este continue ainda demasiadamente balofo. Além disso, reformas estruturais importantes foram realizadas, infelizmente nem sempre complementadas por avanços correspondentes na área microeconômica. O setor privado, em contraste, revelou-se muito mais

dinâmico do que o fiscalmente fragilizado e funcionalmente deteriorado setor estatal.

De fato, o setor privado soube reinventar-se, renovar-se e reequipar-se de maneira muito mais marcante que o setor público. Exemplos eloqüentes disso são as empresas privadas que alcançaram *status* de empresas multinacionais ou globais, como a Vale, a Gerdau, Odebrecht, Ambev, Embraer e outras. Significativa também é a reengenharia do agronegócio, para a qual a Embrapa, empresa estatal, trouxe uma contribuição valiosa.

A iniciativa privada reenergizada – utilizo dados anteriores à recente revisão das contas nacionais – controla cerca de 62% do produto nacional, investindo aproximadamente 18% do PIB (isto é, quase 30% de sua fatia no produto). Enquanto isso, o setor público, responsável por 38% do PIB, investe menos do que 2% do produto interno, ou seja, menos de 5% de sua fatia, puxando violentamente para baixo a taxa global de investimento para 20% do PIB (uma cifra agora revista para ainda mais magros 16%).

O mercado de capitais, por sua vez, ultrapassou em 2005 e 2006 a contribuição do BNDES à mobilização de recursos para formação bruta de capital, invertendo uma longa tradição de predominância de nosso maior banco estatal de fomento.

É preciso reagir

Avançamos muito, mas isso foi feito num ritmo incompatível com os desafios que precisamos superar. Regredimos, portanto, em termos

relativos, num mundo que avança a passos mais largos. Mais: encontramos-nos no meio do caminho – uma situação sempre incômoda. A tarefa à frente, indispensável, é muito pesada.

Mesmo assim, podemos afirmar com bastante tranquilidade que não corremos mais o risco de despenhar no abismo, até mesmo porque não deixamos ainda a planície. No bem-sucedido processo de superar crises recorrentes, tornamo-nos *experts* na administração de crises. Mas ao fazê-lo, acabamos nos desmobilizando, sem aproveitar o momento para empreender as reformas e correções indispensáveis para prevenir crises futuras.

Por outro lado, não temos revelado a capacidade de aproveitar oportunidades em momentos propícios, como o foram os últimos quatro anos, com o céu de brigadeiro e o mar de almirante de inédita bonança da economia mundial, com liquidez praticamente ilimitada, matérias-primas com demanda e preços em alta, real valorizado (permitindo investimentos a menor custo)

e ausência de crises e abalos financeiros exógenos.

Conseguimos escapar do perigo das quedas abruptas, mas nos ameaça um risco mais grave: o de, afastados os perigos catastróficos, acabarmos nos contentando com o mais ou menos. Nosso pior futuro seria o de, sem mesmo nos aperceber, resvalar, pouco a pouco, para o desvão da mediocridade, da obsolescência e da irrelevância no mundo.

É preciso reagir e – com todas as forças, corações e mentes – resistir à tentação insidiosa do conformismo e da complacência. Para isso é indispensável resgatar a ética, combinada à eficiência (tanto na atividade pública quanto no setor privado), como fios condutores da convivência social e alicerces para a construção de um dinâmico capital social, indispensável para alcançarmos a modernidade com

justiça, eficiência e liberdade – liberdade para pensar, liberdade para empreender, liberdade para sonhar. 🌱

* O autor, que foi ministro da Fazenda e embaixador do Brasil em Washington, é sócio do **RC do Rio de Janeiro**, RJ (D.4570).

**Avançamos
muito no Brasil,
mas num ritmo
incompatível
com os
desafios que
precisamos
superar**



H DESIGN

Alphaville - SP
Atibaia
Cascavel
Curitiba
Foz de Iguaçu
Joinville
Londrina
São Paulo

BOURBON
HOTÉIS & RESORTS

BOURBON HOTÉIS & RESORTS
Em direção a um novo tempo.

O jeito brasileiro de hospedar

0800 701 8181 www.bourbon.com.br